

AMY HATVANY

Autora bestseller de
O Jardim das Memórias e *Ao Encontro do Destino*

a Linguagem das irmãs

• ROMANCE •

*Duas irmãs separadas.
Uma tragédia que
as voltará a unir.*



TOPSELLER

Para Angie

Prólogo

Eu estava a trabalhar quando aconteceu. Tinha terminado de envolver fragrantes mirtilos silvestres na massa cremosa dos *muffins*, a pensar na forma como os exuberantes rastos roxos que cada fruto deixava se destacavam como nódoas negras em pele branca. Estava prestes a encher a frigideira untada e pronta quando algo me impediu. Algo tangível, como um murro no peito — senti-o. Senti a voz da minha irmã pela primeira vez em anos, tal como costumava senti-la quando éramos crianças, fluindo por mim como se fosse o meu próprio sangue, a ouvir os seus pensamentos como mais ninguém conseguia. Conseguem ouvir um murmúrio no vosso coração? Pode uma voz tão familiar como a nossa própria voz atravessar os quilómetros, os anos, as camadas calejadas de ressentimento, raiva e mágoa e encontrar-nos? *Ajuda-me*, disse ela suavemente, e o tabuleiro dos *muffins* caiu-me das mãos e aterrou com estrondo no chão de cimento.

Barry pôs a cabeça fora do espaço da loiça que ressaltava no meio da comprida e estreita cozinha nas traseiras da pastelaria. Um bater eletrónico, ritmado e pesado ouvia-se no ar atrás dele, o rádio estava sintonizado na estação de música de dança onde o seu atual namorado era DJ de manhã cedo.

— Está tudo bem aí, campeã? — perguntou Barry, exibindo a familiar cabeleira farta e loira de carapinha e os membros esqueleticos que me trouxeram de volta à realidade.

— Sim, tudo bem — disse eu, com um sorriso trémulo, com o coração ainda a bater com o impacto emocionante da voz de Jenny, a mente a pensar fervorosamente em que sarilhos ela poderia estar, nos motivos por que ela poderia precisar tanto da minha ajuda ao ponto de eu a sentir a milhares de quilómetros de distância.

Esfregando as mãos grandes nas dobras de uma toalha de linho, Barry baixou a cabeça e encostou a ponta crespa da sua pera no peito.

— De certeza? Não estás arrependida de teres deixado a bela carreira de psicóloga?

Abanei a cabeça e tirei um tabuleiro limpo da prateleira por baixo da mesa de trabalho.

— Nã. Estava só a ver se estavas acordado — disse eu, gesticulando-lhe para voltar ao trabalho. Ele respondeu com um aceno de um paninho da loiça e depois escondeu-se no seu recanto.

Grata pela breve discussão que me afastou da preocupação que surgira dentro de mim, voltei a prender o meu rebelde cabelo ruivo num rabo de cavalo na nuca e voltei ao trabalho, preparando o tabuleiro limpo e enchendo-o com massa. Ao introduzi-lo no brilhante forno ventilado atrás de mim, pensei na sorte que tinha em trabalhar com Barry. Tínhamo-nos conhecido há seis meses, quando eu abandonara a minha carreira de psicóloga em ascensão para me tornar pasteleira. A decisão de mudar de profissão não fora muito complicada: simplesmente concluíra que uma pessoa tão desequilibrada como eu não tinha o direito de dizer a outras pessoas como resolver os problemas das suas vidas. Barry não esperava que eu lhe dissesse fosse o que fosse; de facto, mal falávamos de manhã na maioria dos dias. Encontrávamo-nos à porta da pastelaria às três da manhã, cumprimentando-nos com um aceno de cabeça. Sabíamos bem que àquela hora não valia a pena falar.

Tinha-me habituado facilmente a esta rotina de comunicação silenciosa com Barry; era uma linguagem já bem embrenhada no meu inconsciente, já ensinada há muito tempo por uma irmã

cuja deficiência profunda lhe tirara a fala. A ideia do rosto angélico, em forma de coração, de Jenny paralisou-me. Cruzando os braços ao peito e inclinando-me sobre a borda suave da bancada, fitei cegamente a parede de tijolos envelhecida à minha frente, rendendo-me à atração insistente do passado.

Há uma década que não via a minha irmã, desde o dia em que saí do Wellman Institute, deixando-a aos cuidados de pessoas que ela não conhecia, não amava ou em quem não confiava. Ponderei a mixórdia feia de cobardice e passividade que me atormentara durante os últimos 10 anos e que me mantivera envolta no casulo seguro de uma vida que criara em São Francisco. Não havia desculpas possíveis. Era simplesmente demasiado difícil. Não suportava a ideia de vê-la naquele lugar, encharcada no odor rançoso de excremento e abandono.

Nem era capaz de perdoar o que o meu pai fizera à nossa família ao convencer a minha mãe a colocar Jenny ali, uma decisão que fora o último incentivo de que eu precisei para retirá-lo permanentemente da minha vida. O pouco que sabia da vida da minha irmã obtive-o indiretamente de chamadas pouco frequentes da minha mãe. Essas conversas eram breves e desconfortáveis, a transbordar de tensão. Evitava-as a todo o custo.

Socorro.

A palavra interrompeu-me os pensamentos e ressoou no meu corpo como um eco, o som da voz de Jenny a demorar-se no meu coração como um arrepio de um pesadelo, a espécie de arrepio que se prende à pele ainda que saibamos que o que nos assombra era apenas um sonho. Estava decidido. Eu tinha de saber se estava a imaginar coisas ou se algo realmente lhe acontecera. Talvez a minha mãe me tivesse ligado para casa e tivesse sido o atendedor de chamadas a atendê-la.

Shane nunca atendia nada a não ser o telemóvel. Olhei para o relógio de pulso e vi que já passava das 6 horas. Após um ano de vida a dois, eu sabia que ele estaria acordado, sentado frente à mesa pequena de ferro forjado na nossa cozinha de estilo

toscano, vestido com o seu fato azul-marinho impecavelmente engomado que lhe realçava assustadoramente os olhos. A sua cabeça loira estaria debruçada sobre os ficheiros dos casos que iria processar nesse dia, com uma chávena de café simples a arrefecer na bancada. Não sei porque é que ele se dava ao trabalho de o fazer; estava sempre demasiado concentrado no trabalho para se lembrar de o beber.

Uma chamada minha provavelmente aborrecê-lo-ia, por isso decidi ignorar a minha preocupação e aproveitar que a minha mãe estivesse acordada, a preparar-se para o trabalho de bancária que tinha desde que o meu pai se divorciou dela há oito anos. Peguei no telefone sem fios, digitando o número da casa da minha infância lentamente e com força deliberada. Tocou quatro vezes antes de ela atender.

— Estou sim — disse ela, e a sua voz provocou em mim uma pequena tempestade de acumulação de sentimentos profundamente reprimidos.

— Olá — exalei. — É a Nicole.

— Nicky — disse ela, com surpresa na voz.

Rangi os dentes ao ouvir o meu diminutivo de infância.

— É Nicole — corrigi-a ao olhar para a iluminada porta envidraçada e embaciada do forno para verificar o nível de dourado dos *muffins*. Precisavam de mais um minuto.

— Pois. Eu sei. Fui eu que te dei o nome. — Fez uma pausa. — Ligaram-te do Wellman?

Senti um arrepio de antecipação na espinha.

— Não. A Jenny está bem? — A batida do rádio de Barry combinava com o bater acelerado do meu coração.

Ouvi-a inspirar várias vezes, talvez a tentar conter as lágrimas. Há tanto tempo que não estava com ela, não conseguia ter a certeza. Acomodando o telefone entre a orelha e o ombro, agarrei nas luvas de forno grossas e prateadas e tirei o tabuleiro do forno, levando-o para a rede de arrefecimento enquanto esperava pela resposta dela.

— Mãe? — incitei ao mesmo tempo que o aroma de manteiga torrada de *muffins* cozidos impregnava o ar à minha volta com o seu perfume doce.

Pigarreou.

— Desculpa. É tão estranho que tenhas ligado hoje. Só soube ontem à noite.

— Valha-me Deus — disse eu, exasperada. Parecia que estava a tentar retirar informação de um suspeito relutante. Caminhei outra vez até à minha mesa de trabalho e pousei as mãos estendidas na superfície fria de metal, pressionando o telefone no ombro com a minha cabeça. — Soubeste o quê?

Ela fez mais uma pausa, e depois falou por fim, com a voz baixa, quase num sussurro.

— A Jenny foi violada.

O peso destas pequenas palavras viajou pela linha telefónica e aterrou como um pedregulho dentro de mim.

— Oh, não — murmurei. O coração estremeceu-me no peito. Eu andara a prever alguma coisa, qualquer coisa: uma doença, um acidente, mas *isto* não. Senti a garganta a inchar com lágrimas, e engoli em seco para manter a postura. — *Por quem?*

— Acham que foi um assistente. Têm a certeza de que foi ele. — A voz dela estremeceu.

— Raios partam. — Pontapeei um balde enorme cheio de açúcar mascavado. A tampa soltou-se e saltou para o chão. Também a pontapeei.

— Não digas isso, que Deus castiga.

Soltei um suspiro enojado. Estava-me nas tintas para o que ela pensava de Deus. Fiquei surpreendida por ela ainda se sentir ligada a Ele.

Ela digeriu o silêncio amargo que se seguiu.

— Há mais — disse ela por fim. — A tua irmã... — A voz vacilou e depois falou novamente. — Ela está grávida.

A tempestade dentro de mim rapidamente transformou-se num tornado, entorpecendo-me os sentidos. A padaria parecia

desaparecer; o mundo à minha volta foi subitamente reduzido a uma cápsula de cinco centímetros com oxigênio insuficiente. Quando tudo começou novamente a tornar-se nítido, apercebi-me de que a minha mãe ainda estava a falar.

— ... e então talvez fosse boa ideia se pudesses vir. Vens para casa, Nicky?

As primeiras palavras que me vieram à cabeça saíram-me pela boca fora antes que pudesse refreá-las.

— Vou para aí assim que puder — disse eu, entorpecida. Desliguei e deixei cair o telefone no chão, e depois baixei-me ali. Senti-me desconetada do meu corpo; as pernas demasiado curtas e a barriga ligeiramente gorda pertenciam a outra pessoa. Alguém que não tinha uma irmã grávida de um monstro. Alguém que não tinha de enfrentar um passado que pensava ter abandonado.

Um momento depois, Barry saiu do espaço da loiça, a fazer malabarismo com uma pilha de pratos amarelos de sobremesa em cada uma das largas palmas das mãos. Ao ver a minha figura vergada no chão, rapidamente pousou os pratos na bancada. Quando se encolheu ao meu lado, recebi de bom grado o seu abraço forte, encostando a bochecha na sua caixa torácica tipo xilofone.

— Que se passa, campeã? — sussurrou ele para o meu cabelo. Tinha a t-shirt húmida que cheirava a detergente e a suor masculino saudável. — Os *muffins* estão a dar cabo de ti?

Fiz um barulho que era meio soluço, meio gargalhada, e então murmurei no seu peito:

— A minha irmã foi violada. — As palavras pareceram garras de gato a arranhar-me a pele. Ciente de que ele compreenderia a minha necessidade de silêncio, simplesmente fechei os olhos e deixei-o abraçar-me. Fiz pressão com a mão firmemente no coração sofrido, na esperança de que Jenny pudesse sentir o meu toque e soubesse que a sua irmã ouvira o seu apelo.

Eu ia finalmente para casa.

Ao princípio, não sabíamos que havia algo de errado com Jenny. Ela tinha sido uma bebé maravilhosa — muito mais bonita do que eu. Quando eu tinha 3 anos e Jenny era recém-nascida, a minha mãe levava-nos a um pequeno parque no nosso bairro, onde eu podia escalar a multiestrutura enquanto ela era o centro de atenções e deixava as outras mães segredar sobre a perfeita filha mais nova.

Jenny nasceu com cabelo claro e pele branca como o leite com pinceladas de cor de pêssego. Os olhos eram de um azul índigo profundo e viscoso, e redondos numa cabeça pequenina de bebé, emoldurados por pestanas tão luxuriantes que desejávamos tocá-las para ver se eram verdadeiras. Ela era a encarnação humana de uma boneca de porcelana.

— Ela é perfeita! — exclamavam as mulheres para a minha mãe, sentada direita e orgulhosa no banco do parque, segurando Jenny no colo como se ela pudesse partir-se em pedaços se manuseada erradamente.

A minha mãe esboçava aquele sorriso pequeno e secreto de uma mãe que conhecia a beleza excepcional da filha. Afastava um caracol de cabelo da testa de Jenny.

— É, não é? É um anjinho, também. Dormiu as noites seguidas na primeira semana depois de ir para casa.

As mulheres suspiravam em uníssonos, e depois seguiam-se vários comentários sobre os desagradáveis hábitos de sono no primeiro ano de vida dos filhos delas.

— Não, não se sintam mal por isso — tranquilizava-as a minha mãe. — Aquela é a minha filha mais velha, Nicky. — E gesticulava na minha direção no momento em que eu estava para fazer exatamente o oposto da perfeição, como por exemplo despejar areia pela frente do vestido ou colar um chupa-chupa nos meus emaranhados caracóis ruivos. — Não dormia mais do que duas horas seguidas até fazer 15 meses. Acho que estava no direito de ter um anjinho.

Um anjinho. Mais tarde questionei-me o que é que isso fazia de mim? A versão demoníaca de Jenny? Eu era definitivamente determinada enquanto a minha irmã era complacente. A nossa mãe deixava-a no berço durante horas seguidas e Jenny dormia, acordava e brincava com o móbile, depois dormia outra vez até alguém a ir buscar. Raramente chorava. Eu, porém, corria como louca pela casa até me estatelar no chão e alguém me arrastar, normalmente aos pontapés e aos gritos, para a cama.

Quando Jenny ainda era bebé, eu costumava espetar-lhe o dedo enquanto ela estava deitada no chão, sossegada, para ver se conseguia fazê-la chorar. Até podia choramingar com um beliscão mais forte, mas na maioria das vezes apenas olhava fixamente para mim com aqueles olhos enormes e escuros, arrulhando baixinho. Passávamos horas juntas no chão. Fiquei fascinada com os olhos dela e, através deles, ouvia-lhe a voz muito antes de ela falar pela primeira vez.

Com 13 meses, Jenny ainda não se sentava direita; em vez disso, curvava-se para a frente quase num ângulo de 45 graus, usando os músculos do pescoço para levantar a cabeça e olhar para nós. Também ainda não sabia caminhar, mas era capaz de uma espécie de rastejar de combate, puxando o corpo delgado com os braços pelo chão. Embora o nosso pai insistisse em acreditar que Jenny tinha simplesmente um começo lento, a nossa mãe começara a ficar preocupada.

Foi nesta altura que Jenny disse a primeira palavra, e os medos da minha mãe foram suprimidos. Era uma tarde de inverno

escura e tempestuosa no noroeste, desadequada para brincar na rua, por isso eu e Jenny estávamos deitadas de barriga para baixo na sala de estar a ver o álbum de fotos da família. Fortes rajadas de vento projetavam gotas de chuva contra a nossa casa como balas de uma pistola. Havia uma toalha branca grossa por baixo do tronco de Jenny para proteger o tapete cinzento da saliva que lhe escorria constantemente da boca. A mãe estava na cozinha a tentar preparar o jantar antes que o pai chegasse do trabalho; o rico aroma de frango assado e pãezinhos frescos dançava pelo ar à nossa volta. Eu explicava as imagens a Jenny enquanto ela batia nas páginas, a tentar fazê-las virar.

— Isto é uma vaca, Jenny — disse eu, com o meu orgulho de 4 anos de idade a rebentar pelas costuras ao mostrar-lhe as fotos que o meu pai tirara durante a nossa recente viagem de família à feira de Evergreen. — A vaca diz muuu.

Jenny fitou incessantemente a página, quase absorvendo a imagem no cérebro com os olhos.

— Esta sou eu ao pé da vaca — continuei. — Estás a ver-me? Estou quase a tocar-lhe na perna.

Jenny deslizou o olhar para o lado e olhou para mim, e depois para a página.

— Nic — disse ela de súbito, a sílaba que soava mais como uma tossidela a arranhar a garganta do que o meu nome.

Olhei-a estupidamente por um momento, sem acreditar no que ouvira. Ela andara a vocalizar ruídos sem sentido havia meses, mas nunca as suas intenções foram tão claras. O som ouviu-se novamente, mais pronunciado desta vez.

— Nic. — O seu rosto brilhou de orgulho. Pestanejou várias vezes, rapidamente, roçando as pestanas espessas nas maçãs do rosto.

— Mamã! — gritei, levantando-me do chão com um salto e pulando com excitação para o sofá ao pé da janela da frente. — Vem cá! A Jenny acabou de dizer o meu nome!

A nossa mãe chegou da cozinha, limpando as mãos num pano de cozinha branco, aparentemente atormentada. A sua estatura

esbelta estava vestida com calças de ganga azuis e camisola vermelha, ambas generosamente enfarinhadas. As suas angulares faces pálidas estavam coradas do calor da cozinha, e os músculos do seu rosto esguio e em forma de coração sem firmeza devido ao cansaço. O cabelo castanho-escuro e ondulado pendia solto sobre os ombros ligeiramente descaídos. Com o pulso dobrado, afastou uma mecha fina de cabelo da cara, franzindo o sobrolho para mim.

— Por favor, não saltes no sofá, Nicky.

— Nic! — exclamou Jenny novamente, virando a cabeça para olhar para a nossa mãe.

Os olhos verdes-pálidos da nossa mãe, angulares como os de um gato, brilharam ardentemente com surpresa. Eu saltei com alegria nas almofadas.

— Vês? Eu disse-te! Ena, Jenny! — gritei.

A mãe foi ter com Jenny, ajudando-a a sentar-se direita. Abraçou estreitamente a filha mais nova, embalando-a, sem dizer uma palavra. Eu cruzei olhares com a minha irmã, e embora nenhuma de nós tenha feito um som, lembro-me de ouvir o meu nome vezes sem conta no azul sem fim dos seus olhos.

Jenny rapidamente adquiriu mais umas palavras: «mamã» sendo a seguinte, depois «gato». Mas depois do nosso entusiasmo inicial não demorou muito tempo até que ela deixasse de falar por completo. Perdeu interesse em quase tudo, fitando o ar com um olhar vazio.

Mas o que mais perturbava os meus pais foi que Jenny deixou de olhá-los nos olhos. Se tentassem captar o seu olhar, até usando as mãos para direccionar-lhe o olhar para eles, Jenny torcia a cabeça e desviava os olhos, como se o contacto visual lhe causasse um grande sofrimento interno.

— Vá lá, querida — suplicava-lhe a minha mãe, a tentar vezes sem conta chamar-lhe a atenção. — Tu consegues. Eu sei que consegues. — A mágoa pesada na voz da minha mãe partiu-me o coração, e eu também fiz tudo o que a minha mente infantil podia inventar para fazer Jenny reagir. Nada funcionou.

Profundamente atrasada. Duas palavras que assombram a mente de um pai como a ameaça de uma tempestade diabólica. O meu pai explodiu ao saber a notícia.

— A minha filha não! — vociferou ele para a minha mãe, com os olhos cor de safira a relampejar. O rosto sardento ficou vermelho ardente, e os seus caracóis cor de cenoura levantaram-se no ar, em completa desordem. Ele parecia um fósforo aceso. — A minha filha não é atrasada — insistiu ele. — O médico está errado. — Depois pressionou as palmas das mãos ásperas de carpinteiro no rosto como se conseguissem conter o seu sofrimento. Foi a única vez que me lembro de o ver chorar. Desde o princípio, o meu pai viu as incapacidades de Jenny como uma afronta pessoal, como se ela estivesse de alguma maneira a ofendê-lo por ser uma criança imperfeita. Endireitou o seu corpo comprido e delgado e desafiou a doença dela, à espera de que ela ousasse mudar-lhe a vida de alguma forma.

A minha mãe viu o diagnóstico como um problema a superar, um problema a ser resolvido. De imediato tornou-se a sua missão descobrir o nome do monstro que estava a impedir que a sua bela filha tivesse uma vida normal.

Para mim, Jenny simplesmente continuou a ser a minha irmã. Com 5 anos, só tinha o instinto de protegê-la, fazê-la rir e amá-la. Demorei mais tempo a aperceber-me das diferenças dela e depois, mais tarde, a tentar por fim fugir delas.

Em menos de 24 horas a minha vida em São Francisco estava tratada, o que me fez ponderar por um momento sobre que espécie de vida era esta. Eu não era uma pessoa altamente social, por isso não tinha muitos amigos a quem ligar. O padeiro dos fins de semana ficou supercontente por fazer os meus turnos na minha ausência. Barry prometera ocupar-se das minhas entregas de comida diárias ao parque perto da padaria, onde eu fizera amizade recentemente com uma família sem-abrigo; eu simplesmente não suportava a ideia de a filha deles passar fome. Shane cuidaria

do meu cão de três pernas, *Moochie*, que eu adotara no canil onde era voluntária de vez em quando. Deixei um horário pormenorizado de refeições e passeios colado no frigorífico, ainda com um pouco de receio de que o pobre cachorro morresse à fome na minha ausência. Deixei uma mensagem no atendedor de chamadas da minha mãe, a dizer-lhe que chegaria tarde nessa noite. Não tinha a certeza se ela estaria em casa porque fora trabalhar ou porque fora a Wellman para estar com Jenny, mas esperava que fosse a última hipótese.

O meu maior desafio fora decidir o tamanho da mala a levar: uma pequena diria que a minha visita seria curta; uma maior poderia dizer que estava a planear ficar muito tempo. Decidi-me por uma mala cilíndrica preta de tamanho médio que encontrara escondida no fundo do armário; esperava que simplesmente não dissesse nada.

Ao fazer a mala, tentei não ceder à sensação de trepidação que senti a crescer dentro de mim. Tudo na minha mente gritava para que não fosse, para ficar em São Francisco, onde era seguro, onde eu sabia os limites da minha vida. Ao agarrar numa mão-cheia de roupa interior da cómoda e ao enfiá-la na mala, tentei manter-me concentrada em Jenny, no que ela devia estar a sentir, o quão traumatizada devia estar.

Não ocupei a cabeça com pensamentos de voltar a ver a minha mãe, encarar a casa onde cresci, lidar com tudo o que aconteceu dentro daquelas paredes. *Jenny*, pensei ao juntar dois pares de calças de ganga à pilha desajeitada na mala. *Jenny*, pensei novamente, criando uma cantiga com o seu nome. Conte as letras do seu nome, vezes sem conta, mantendo sempre longe a imagem do rosto da minha mãe. Era Jenny quem precisava de mim, era Jenny quem eu ia ver ao voltar para casa. Por mais profundo que fosse o meu medo, nada mais importava. Eu não permitiria.

Por volta das 9 horas da noite estava no aeroporto, sozinha. Shane ficara evidentemente horrorizado com a notícia da violação

de Jenny, mas estava à espera do veredicto de um caso que encerrara naquela manhã. Achava que não conseguiria despachar-se do tribunal a tempo de se despedir de mim. Portanto, fiquei agradavelmente surpreendida ao ver a sua silhueta alta e atlética a caminhar na minha direção na porta de embarque, com a gabardina preta a sacudir furiosamente em redor das pernas ao mesmo tempo que me acenava com a pasta no ar para me chamar a atenção. Vi a funcionária da porta de embarque a endireitar-se na cadeira quando o viu a vir na nossa direção. Depois alisou o cabelo loiro platinado à altura dos ombros e sorriu muito com lábios vermelhos como sangue. Shane tinha este efeito na maioria das mulheres. Mesmo com o seu elegante fato *Armani*, tinha o ar daqueles rapazes no liceu cujo simples toque nos fazia jurar às amigas que nunca mais lavaríamos a parte do corpo que entrara em contacto com ele. Por isso, quando ele correu até mim e largou a pasta no chão para um abraço entusiástico, a funcionária perdeu o sorriso e desviou o olhar, provavelmente estupefacta com o facto de um homem atraente como Shane gostar de uma ruiva baixa e ligeiramente gorducha como eu. A mim também me espantava quase sempre.

Retribuindo o abraço, coleei a bochecha no seu peito largo.

— Pensei que não conseguisses — disse eu num tom acusador, erguendo o olhar para ele e enterrando a ponta do queixo no seu esterno.

Ele baixou-se e beijou-me profundamente nos lábios, depois no nariz e em ambas as bochechas.

— Mmm. As tuas sardas sabem a canela.

— Pois — disse. — Então e o júri?

Ele mostrou um sorriso rasgado.

— Voltaram mais cedo do que eu pensava.

— E? — Incitei a conversa com alguma impaciência, agitando os braços à volta da sua cintura, ciente de que ele precisaria de me contar as suas notícias antes que nos pudessemos focar no motivo da minha ida.

— E estás a olhar para o único assistente do Ministério Público a conseguir ganhar cinco casos de homicídio consecutivos. Estava a ver que o meu chefe se mijava todo, de tão contente que estava comigo.

Eu sorri, sem emoção.

— Uau.

— E *tu*, como é que estás? — perguntou ele por fim, baixando o queixo e olhando para cima, na minha direção, por entre as sobrancelhas.

— Não sei bem. — Encolhi os ombros, castigando-o um pouco com a minha ambivalência por não me ter perguntado logo. — Estou mais preocupada com o estado em que a Jenny está. — Na verdade, eu tinha medo de pensar no que ela devia ter passado, como se devia ter sentido quando aquele cabrão lhe trepou para cima... Abanei a cabeça, a tentar apagar aquela imagem horrível da minha mente.

— Se precisares de alguma coisa, diz-me. — Ele abraçou-me outra vez e eu desfrutei da segurança do seu abraço, sem saber quando o poderia sentir de novo.

— Vou sentir a tua falta — disse ele, abafando o rosto no meu pescoço, enviando arrepios elétricos pelo meu corpo com a severidade da sua ligeira sombra das cinco horas.

— Eu também — disse eu, engolindo o nó que sentia na garganta. Esperei que ele dissesse que iria comigo, que se lixassem os casos. Faria a mala, traria *Moochie* e iria para Seattle. Esperei que ele me pedisse para ficar, para deixar a minha mãe lidar com a situação. Mas a nossa despedida foi interrompida pela chamada final para o meu voo. Depois de prometer ligar-lhe no dia seguinte da casa da minha mãe, embarquei no avião. O meu estômago deu voltas quando subimos para o céu escuro da noite, enquanto me agarrava aos braços do banco com dedos frios.

— Não é fã de aviões, estou a ver — disse o homem no lugar ao meu lado, com naturalidade.

Abanei a cabeça.

— É, mais ou menos isso. — Não estava com vontade de explicar a um estranho a verdadeira razão por que estava tão inquieta.

Ele tirou um frasco de tamanho substancial do bolso interior do casaco e agitou-o para mim.

— Nem eu.

Eu sorri educadamente mas virei a cabeça e continuei com a tentativa de me controlar. *Jenny*, disse para mim mesma, fazendo uma pequena rima: *Um-dois-três-quatro-cinco, J-e-n-n-y*. Um momento depois, uma assistente de bordo passou pelo meu lugar, interrompendo a minha cantiga interna.

— Minha senhora? — retorquiu ela. — Já pode retirar o cinto.

Eu anuí com firmeza para reconhecer que a ouvira, mas não soltei as mãos. Depois de ela continuar pelo corredor, eu mantive o cinto posto, bem apertado, verificando a sua segurança vezes sem conta durante todo o voo.

O ar da meia-noite em Seattle era agradável e fresco, enchendo-me os pulmões com muito alívio, o que precisava depois do oxigênio embalado que respirara no avião. Estávamos em meados de maio, mas um frio típico de inverno ainda me mordeu a pele ao sair do terminal, pouco protegida dos elementos pela camisola fina de algodão e pelas *Levi's* gastas que escolhera como roupa de viagem. O aeroporto de Sea-Tac estava calmo a esta hora; havia apenas alguns táxis parados, e não demorei muito a sentar-me no banco de trás de um que se dirigia para norte na I-5 em direção à saída para Seattle Ocidental. Tremi descontroladamente ao instalar-me no assento de couro frio.

— Pode ligar o aquecimento, se faz favor? — perguntei ao taxista.

Estendendo a mão para os botões no painel, virou a cabeça para olhar para mim.

— Devo ter apanhado uma moça da Califórnia.

Sorri sem energia, esfregando vigorosamente os bíceps com as duas mãos.

— Para dizer a verdade, vivi aqui quase a minha vida toda.

Ele anuiu com firmeza.

— Então está a ir para casa?

— Parece que sim — disse eu, sentindo a apreensão a ocupar demasiado espaço no peito, sobrando pouco para o ar. Com toda

a certeza não me apetecia conversar, por isso virei a cabeça e olhei pela janela, na esperança de que o taxista percebesse a mensagem e me deixasse em paz durante o resto da viagem. As luzes da baixa da cidade piscavam diante de mim, com a Columbia Tower a pairar sobre o resto dos edifícios como um pai faz com os filhos. O contorno da cidade parecia-me estranho, mas não demorei muito a aperceber-me do que faltava.

Embora tivesse visto a reportagem a respeito da demolição do Kingdome, a estrutura cinzenta em forma de chapeleira permanecera nas minhas memórias: o tempo que passara lá em jogos dos Mariners com o meu pai, sentada na arquibancada dura de metal do 100.º andar, a comer *Red Vines* e pipocas enquanto ele bebericava uma cerveja enorme e gritava com os jogadores. Eu sorri ligeiramente, recordando o quanto eu adorava esses momentos com o meu pai em cada temporada, só nós os dois a sair para um jogo de sábado à tarde.

Estas saídas acabaram quando Jenny começou a regredir novamente, a coluna dela a curvar num S mais pronunciado do que era seguro para a sobrevivência dos seus órgãos, e os médicos a informarem-nos de que ela poderia precisar de uma grande cirurgia às costas para corrigir o problema. O meu pai começou a ir-se abaixo e passava mais tempo nas casas que construía para outras pessoas e menos na dele. Aos poucos, tornou-se menos uma pessoa, menos um membro da nossa família, e mais uma sombra que se movia pelas paredes, saltando à vista para nos assustar inesperadamente.

Fechei os olhos e uma visão preencheu-me a mente: as costas largas do meu pai a entrar na escuridão do quarto de Jenny a meio da noite; a porta a fechar-se devagarinho, sem ligar as luzes; o sussurro da sua voz dentro daquelas quatro paredes; o ranger baixo e insistente das molas da cama. O meu estômago deu voltas ao pensar naquilo em que eu raramente me permitia pensar. Ignorei as memórias.

Os meus pensamentos foram interrompidos pelo taxista a avisar-me para sair do carro. A viagem desde o aeroporto passara

demasiado depressa, e de súbito estava em frente à casa da minha infância. Deixei-me estar sentada, imóvel, colada ao banco.

— Quer ajuda com a mala? — ofereceu-se o taxista.

— Não. Mas obrigada — disse eu, passando o pagamento pela abertura da divisória. Juntei uma gorjeta generosa pelo silêncio durante o caminho.

Ele viu o tamanho da gorjeta e deu-me um sorriso feliz com dentes amarelos.

— Paz, mana.

— Paz — disse eu quando abri a porta e fui buscar a mala ao porta-bagagens. O taxista buzinou levemente quando arrancou, e eu tive de conter o impulso de chamá-lo de volta. Desejava estar noutra sítio menos ali; queria que alguém me salvasse do que estava prestes a fazer. Parei no passeio e tremi mais uma vez no ar da noite, com a minha respiração a fugir de mim como uma nuvem prateada. Tão pequena que parecia a casa de estilo American Craftsman com um só andar. Uma casa de brincar no jardim, e não a casa aparentemente desconexa em que eu vivera durante 18 anos. O friso branco em forma de A parecia mais perto do chão; as quatro janelas quadradas na fachada da casa amarelo-mostarda pareciam do tamanho de pratos de ir à mesa. Até o cedro perfumado no jardim da frente parecia-me mais pequeno à medida que me aproximava do alpendre de tijolo a desfazer-se.

Um feixe de luz inundou os degraus quando a porta se abriu; a minha mãe estava à entrada. Abraçava-se a si mesma para se proteger do frio da noite. A primeira coisa em que reparei foi o cabelo. Antes abaixo dos ombros, estava agora liso e cortado a seguir à linha do maxilar, acentuando o queixo pontiagudo. Tal como o resto do corpo, o contorno do pescoço ainda era elegante e comprido, com a cabeça perfeitamente equilibrada em cima. As roupas eram simples: um fato de treino azul-marinho e meias brancas. Parei no fundo das escadas, fervendo de ansiedade. Fitámo-nos durante mais um momento.

A minha mãe foi a primeira a falar.

— Entra — disse ela, numa voz monótona, cuidadosa.

Eu anuí, baixei a cabeça e subi para casa, sentindo-me invadida pelo seu cheiro familiar. O fantasma do hábito de um maço de tabaco por dia do meu pai ainda estava preso às paredes amareladas. Fiquei surpreendida por a minha mãe não ter mandado pintar novamente para apagar quaisquer vestígios dele. O teto parecia demasiado próximo da minha cabeça. Fora a casa sempre assim tão pequena? Fizera-a eu maior na minha cabeça? Eu não crescera mais depois de sair de lá, porém senti-me como um gigante a entrar numa casa de bonecas. Pousei a mala na tapete cinzenta desgastada.

A minha mãe deu um passo na minha direção, e abraçámo-nos sem jeito, quase sem tocarmos os corpos. Ela estava quente e cheirava a sono. Deu-me uma palmadinha num jeito severo e depois afastou-se para olhar para mim.

— Tornaste-te tão bonita — disse ela, estendendo a mão para me tocar no cabelo, e depois parou rapidamente como se tivesse reconsiderado. — O teu cabelo ficou muito mais escuro do que o do teu pai.

Anuí outra vez, sem confiar na minha voz. Embora tivesse herdado a ousada cor de cabelo do meu pai e os olhos verdes e rasgados da minha mãe, a minha silhueta mais pequena e mais voluptuosa foi uma herança de uma avó que nunca conhecera. Jenny fora a beneficiária sortuda dos genes esguios dos nossos pais. Manipulei os meus caracóis acobreados com constrangimento, mantendo o olhar no chão. Lutei contra o impulso simultâneo de esbofetear esta mulher ou lançar-me nos seus braços, a chorar. Mantive todos os músculos e todos os nervos do meu corpo rígidos e tensos, na tentativa de me controlar. Na luz da entrada, detetei os pormenores do que mudara nela em 10 anos. A sua pele antes suave e perolada estava agora enrugada, como papel fino de guardanapo. As linhas em redor da boca fatiavam-lhe as faces com grandes parênteses, e os fios brancos no cabelo castanho cresciam em mechas espessas de cada lado do rosto.

Os olhos eram os mesmos, um eco perfeito dos meus. Os nossos olhos eram a única indicação de que éramos da mesma família. Sem eles, podíamos ser simples estranhas a passar uma pela outra na rua.

— Estou exausta — disse eu por fim, desviando o olhar do dela para o relógio que tinha no pulso. Parecia ter passado imenso tempo desde aquela manhã na padaria em que recebi a chamada a propósito de Jenny. Parecia ter passado uma eternidade.

— Claro — concordou ela e fez-me sinal para passar e entrar na sala. Reparei nalgumas manchas de idade nas costas da sua mão, e de repente apercebi-me de que a minha mãe estava a envelhecer e que eu já não era a criança que vivera dentro daquelas paredes. Eu crescera, tornara-me mais forte. Seria capaz de ultrapassar isto. Iria ultrapassar isto.

Peguei na mala, e o meu corpo moveu-se pela casa de cor; a minha mãe seguiu-me de perto, observando-me a avaliar a sala. A mobília era a mesma: mesas de madeira escura e sofás azuis florais que rodeavam uma lareira de tijolo. Olhei para o corredor que ia da sala para o quarto dos meus avós e vi que essa mesma parede ainda estava coberta de fotografias de família: imagens falsas e coloridas de uma existência feliz. Perguntei-me quem a minha mãe pensava que estava a enganar.

Atravessei a sala e entrei na pequena e quadrada cozinha, reparando na tinta amarela descascada das cadeiras e nos eletrodomésticos altamente antiquados e enferrujados. Percorri cuidadosamente o corredor curto desde a cozinha, passei pela porta da casa de banho e depois parei em frente ao meu quarto. A minha mãe estava mesmo atrás de mim.

— Vou ficar aqui? — perguntei-lhe.

— Se não te importares.

Rodei a maçaneta.

— Porque haveria de me importar?

Ela não respondeu mas chegou-se a um dos lados da porta e acendeu o interruptor da luz. O quarto não mudara muito: as

paredes ainda tinham o papel de flores desbotado; a colcha da cama e os cortinados ainda completavam o estilo. Pousei a minha mala cilíndrica no chão de madeira de lei e fui sentar-me na cama.

— Pus lençóis lavados — disse a minha mãe, gesticulando para o sítio onde me sentei. — Já não uso muito este quarto. Se calhar é melhor abrires a janela.

— Está bem. — Dei uma palmadinha nervosa na colcha, depois abri e fechei a gaveta da mesinha de cabeceira. Palavras não vocalizadas causaram faísca entre nós. — Quando é que posso ver a Jenny?

— Eu tirei o dia de amanhã, por isso temos um compromisso às nove no Wellman. — Ela preparou-se para sair e depois virou-se para mim. — É muito cedo para ti?

— Não, está bom.

Ela fez outra pausa antes de sair do quarto.

— Fico feliz por teres vindo, querida. — O seu olhar foi honesto e frágil, cheio de esperança; eu não estava à espera disto.

— Bem-vinda a casa — disse ela, e senti um arrepio com as mesmas palavras que Jenny me enviara espiritualmente assim que o avião aterrou.

Na manhã seguinte, telefonei logo para Shane e apanhei-o no carro a caminho do escritório.

— Deixa-me pôr o auricular — disse ele quando ouviu a minha voz. Falava tanto ao telemóvel enquanto conduzia que eu insistira que comesse a usar um. Após uns instantes de ruído da autoestrada e de plástico a roçar ao ouvido, ele voltou. — Pronto, já está. Então chegaste bem? — perguntou ele.

— Sã e salva. — Passei o dedo por uma racha comprida na parede de argamassa rugosa. Estava em pé no corredor em frente à porta do meu antigo quarto. Quando era adolescente, uma vez que o telefone ficava tão perto da cozinha, eu costumava levá-lo para o meu quarto pela ilusão de privacidade. Contive a tentação

de fazer o mesmo agora. Era adulta; não tinha nada que esconder.
— Vou ver a Jenny daqui a uma hora — disse eu a Shane.

— Já falaste com a tua mãe? — perguntou ele alto, as palavras interrompidas pela estática na ligação. — A Jenny vai ter o bebé?

— Assim que cheguei, fui logo para a cama. Mas duvido que o vá ter. Um aborto parece-me a coisa mais acertada a fazer.

— A-hã — concordou Shane. — É um problema legal complicado. Quem é o tutor dela?

— A minha mãe. — Suspirei, frustrada por ele parecer mais preocupado com o aspeto legal da situação do que com os sentimentos turbulentos relacionados.

— E o teu pai?

Cresceu em mim um sentimento ácido que me queimou a carne tenra da garganta.

— Ele não tem nada a ver. Desistiu dos seus direitos há muito tempo. — Fitei a porta do quarto de Jenny, apenas a poucos metros do meu, sentindo a presença do meu pai na casa à minha volta, embora ali não estivesse. Não partilhara os pormenores da minha infância com Shane; na verdade, não os partilhara com ninguém.

— Não me tinhas dito que ele pagava os cuidados da tua irmã?

— Sim, mas fez parte do acordo de divórcio que ele poderia livrar-se de qualquer responsabilidade para com a Jenny se pagasse as despesas dela. Ótimo, não é? — A minha voz falou com verborreia, e eu pressionei a testa de encontro à parede rugosa. — Ó, meu Deus. O que é que estou a fazer aqui? Não sei se consigo fazer isto.

— Vai correr tudo bem — tranquilizou-me Shane com despreocupação. Ele não sabia, não compreendia para o que eu tinha voltado. Não sabia como eu tinha deixado as coisas. — Há alguma coisa que eu possa fazer? — perguntou. — Queres que ligue para o gabinete do procurador de Seattle para ver o que consigo saber sobre o caso de violação?

— Nem sequer tenho a certeza de que é um caso. — Afastei-me da parede e endireitei-me, esfregando a testa com a mão livre.

— Não perdemos nada em ligar. — A estática interrompeu-nos outra vez, e de repente a chamada caiu.

— Shane? — disse eu alto. — Shane? — Desliguei e depois tentei ligar-lhe novamente, mas não consegui. — Porra! — blasfemei em voz baixa ao bater com o auscultador.

A minha mãe escolheu este momento para aparecer da cozinha, já com o casaco vestido e o chapéu posto.

— Quem era? — perguntou ela ao calçar umas luvas de pele castanha.

— Era o Shane. Só lhe liguei para dizer que cheguei bem. Não te preocupes. Usei o meu cartão telefónico.

Ela olhou fixamente para mim por um instante.

— Não estou preocupada. Podes ligar a quem quiseres. — Pestanejou e depois abanou a cabeça. — Bem, devíamos ir andando para não apanharmos trânsito na ponte. — Ela olhou para mim com expectativa; um olhar metódico e eficiente, o ar de tolerância que eu vira na noite anterior desaparecera. — É isso que vais levar vestido?

Eu vestira as calças de viagem e uma blusa campestre bordada ligeiramente amarrotada. Olhei para baixo e inspecionei a roupa.

— Sim — disse eu, a começar a ferver. Nem acreditava que ela já estava a preparar-se para me criticar. — Há algum problema?

— Claro que não. Só quis dizer que não terias tempo para te mudar. Temos de ir. — Puxou as luvas. — O teu cabelo está bonito assim.

Toquei no meu rabo de cavalo subido.

— Obrigada — disse eu, com uma tentativa falhada de esconder a surpresa na voz. Nunca soube o que esperar da minha mãe. Nunca consegui ler-lhe as intenções tal como conseguia com outras pessoas. Tal como conseguia com Jenny. Respirei fundo e segui a minha mãe pela porta fora, na esperança de que a irmã que eu ignorara durante tanto tempo não me virasse as costas.

O Wellman Institute parecia um pedregulho empoleirado no cimo de Capitol Hill, com vista para a estrada I-5 na baixa. Era

uma estrutura imponente, quadrada e robusta, com uma fachada de tijolo deslavada envolta em hera, e janelas fechadas e gradeadas. Nuvens cinzentas irregulares moviam-se sob o sol da manhã, criando fantasmas escuros que dançavam sobre o relvado perfeitamente arranjado.

Entrámos no parque de estacionamento para visitantes poucos minutos antes das 9 horas. Uma copa pontiaguda de abetos guardava a propriedade como soldados congelados; no chão, fileiras grossas do que deve ter sido um abundante grupo de narcisos estavam cabisbaixas, com pétalas pálidas e amachucadas. Pareciam como eu me sentia.

Quando a minha mãe saiu do carro, eu permaneci sentada no banco da frente, com as mãos a agarrar os joelhos, a tentar controlar a respiração. *Vai correr tudo bem*, tentei convencer-me. *Consigno lidar com isto. Sou uma mulher adulta. A Jenny precisa de mim*. Repetira este mantra durante toda a noite. Incapaz de dormir, ficara deitada rígida na cama da minha infância, assoberbada pela enormidade da decisão que tinha de tomar. Porque é que não esperei um dia? Porque é que não pensei melhor no assunto? A minha formação como psicóloga disse-me a resposta: pensar nas coisas foi o que me manteve longe estes anos todos. Ponderando e recordando, analisando e racionalizando; estas foram as armas mentais que eu brandira em defesa do meu comportamento. Não pensar, permitindo que os meus instintos finalmente tomassem as rédeas da situação, foi o que me trouxe de volta a casa.

— Nicole? — A minha mãe bateu levemente na janela, sobresaltando-me e afastando-me dos pensamentos.

Anuí.

— Sim. — Segui-a pelo edifício adentro usando as mesmas portas duplas de metal pesadas de que fugira há uma década. O cheiro pungente a amoníaco mal disfarçava a nuvem de dejetos humanos rançosos. Vieram-me lágrimas aos olhos.

— Deviam abrir uma janela, pelo menos — comentei depois de nos registarmos na receção e entrarmos no elevador.

— Assim não poderiam usar o ar condicionado — disse a minha mãe, tirando da mala uns rebuçados de menta e entregando-nos. — Toma. Isto ajuda um pouco.

Enfiei-os na boca.

— Obrigada. — As dobradiças do elevador rangiam com a idade. — Em que andar é que ela está?

— No quarto. O Dr. Leland disse-me para nos encontrarmos no quarto dela.

— E ele é o ginecologista dela?

A minha mãe virou rapidamente a cabeça e olhou para mim.

— A Jenny não tem ginecologista. O Dr. Leland é o supervisor do caso dela. Ele está cá há quase tanto tempo quanto ela, e supervisiona a medicação e a fisioterapia dela, esse tipo de coisas.

— Gostas dele?

Ela encolheu os ombros.

— Na verdade, nunca pensei nisso. Mas a Jenny sorri para ele, por isso ele não deve ser assim tão mau.

Eu também sorri. O sorriso de Jenny era uma bênção. A maior dádiva porque sabíamos que ela não podia dar sorrisos falsos.

Quando a porta do elevador abriu, apercebi-me dos gemidos — os sons dolorosos de comunicação para aqueles que não falavam. Percorremos lentamente o corredor onde as paredes beges estavam forradas por mulheres e raparigas em vários estádios de nudez, sentadas nas cadeiras de rodas ou no chão, com os membros torcidos em ângulos estranhos. Muitas olhavam em frente, sem pestanejar, sem ver, mas havia uma mulher numa cadeira de rodas que batia com a palma da mão na testa vezes sem conta, murmurando e cuspiendo, ao mesmo tempo que sacudia o ar ao lado com a outra mão aleatoriamente. Uma enfermeira aproximou-se dela, pegando-a pelos braços.

— Calma, Connie — tranquilizou a enfermeira. — Está tudo bem. Está tudo bem. — Era gratificante ver uma resposta rápida às necessidades de uma paciente. Perguntei-me brevemente onde esta enfermeira estava quando Jenny foi violada.

O cheiro era pior aqui do que no andar inferior; chupei com força os rebuçados de menta. Apesar do pivete, as instalações pareciam pelo menos limpas: o linóleo sarapintado estava polido e cintilava, e ainda que não completamente vestidos, os próprios pacientes não estavam cobertos de vomitado ou dos próprios dejetos como eu sempre temera. Contudo, sentia-me desconfortável, embora estas paredes não parecessem tão sinistras como eu as imaginara.

A minha mãe avançou com determinação pelo corredor, abrindo uma porta verde-clara com uma tabuleta que dizia JENNIFER HUNTER. Preparei-me e segui-a, com os olhos no chão, envergonhada, com medo de que a minha irmã não me reconhecesse, de que os anos que eu estivera longe pudessem ter mudado tudo entre nós.

— Olá, Sra. Hunter — disse uma voz profunda, e eu levantei o olhar e vi um homem preto com cabelo curto meio grisalho. A sua constituição robusta sugeria que ele podia ter sido a dada altura um lutador. — Julgo que esta seja a sua outra filha? — inquiriu ele, estendendo a mão.

— Nicole Hunter — disse eu ao avançar para lhe apertar a mão. Olhei em redor do quarto pequeno e quadrado que estava pintado com o mesmo tom de bege do corredor. Em frente à cama e ao armário havia uma televisão com vídeo e uma pequena aparelhagem; fora isso, a única mobília que havia era uma cadeira junto à janela. Jenny estava ao lado, de costas para mim. Conseguia caminhar, mas com grande dificuldade. O seu andar era instável, um movimento espasmódico e irregular que ameaçava o seu equilíbrio a cada passo que se atrevia a dar. Quando ela tinha 8 anos, arranjámos-lhe uma cadeira de rodas, mas eu sabia que era importante que ela tivesse oportunidade para se manter em pé sozinha sempre que pudesse. Talvez tão importante quanto é para nós todos.

— Jenny, olha quem está aqui — disse o Dr. Leland ao circundar a cama e aproximar-se da minha irmã. Gentilmente, virou-a

para mim. Mal a reconheci. O seu maravilhoso cabelo castanho, antes comprido e brilhante, fora cortado acima dos ombros, com uma ondulação débil e baça. Ela parecia maior, pelo menos uns 20 quilos mais gorda desde a última vez que a vira, um aumento substancial na sua figura pequenina de um metro e 37 centímetros. Numa túnica roxa sem forma, ela era uma versão inchada do anjo de que eu me lembrava. O seu rosto, antes em forma de coração como o da nossa mãe, estava pesado e redondo. O queixo tinha obviamente desaparecido por baixo de carne mole. Procurei nos seus olhos azuis por um vestígio do brilho de que eu me lembrava tão bem da nossa infância, mas encontrei apenas o reflexo distorcido do meu próprio rosto. Ainda assim, ela olhou para mim intensamente, com uma expressão que mostrava cada vez mais que me estava a reconhecer. As mãos retorcidas e calejadas batiam uma na outra num ritmo silencioso. O meu lábio inferior estremeceu e o meu coração ficou agitado quando a abracei. O meu queixo ainda pousava na perfeição sobre a cabeça dela; o meu corpo recordou segurá-la assim desta maneira. Ela cheirava a suor e a pó de talco.

— Jenny — murmurei. — Olá, querida. — Afastei-me, mas mantive as mãos nos seus ombros. Ela fitou-me, pestanejando rapidamente, como se não acreditasse em quem estava a ver. — Estou tão feliz por te ver! — disse eu, estendendo a mão para lhe prender o cabelo atrás das orelhas. Estava gorduroso ao toque. Usei a ponta da minha camisa para lhe limpar a baba que formava um riacho pequeno a escorrer pelo seu queixo. — Pronto, assim está melhor.

De súbito, o rosto de Jenny petrificou, e os seus olhos azuis-escuros flamejaram com raiva. Ela bateu com os punhos uma vez, duas vezes, e depois vocalizou um forte berro.

— Ahhh! — exclamou ela, penetrando-me com o olhar como uma faca. Todo o seu corpo tremia com esforço.

— Eu sei — tranquilizei-a. — Eu sei que estás zangada. Tens toda a razão. Mas estou aqui agora. — Inclinei-me para a frente

e abracei-a novamente. Ela estava rígida, do seu âmago ressoava um gemido baixinho. — Eu ouvi-te — murmurei-lhe ao ouvido para que o Dr. Leland e a nossa mãe não me ouvissem. — Eu vim porque tu disseste que precisavas de ajuda.

O seu corpo relaxou ao ouvir estas palavras, e num gesto de afeto há muito esquecido, Jenny esfregou o rosto na minha camisola. Quando se afastou, levantou a cabeça e olhou para mim com um sorriso meloso, com um brilho nos olhos. *Irmã*. A palavra aqueceu-me o coração. Não acreditava que me tinha mantido longe dela durante tanto tempo. Todos os minutos da minha vida em São Francisco pareciam um desperdício em comparação com os sentimentos que me inundavam naquele momento de reencontro.

A minha mãe estava junto à porta a observar a nossa reunião, com uma expressão suave.

— Eu contei à Nicole sobre o estado da irmã — disse ela ao Dr. Leland, que se sentara na cadeira ao pé da cama de Jenny.

Mantive o braço à volta da minha irmã, olhando para a barriga dela.

— De quanto tempo é que ela está?

— Pensamos que de 20 semanas — disse o Dr. Leland.

— *Vinte?* — disse eu pasmada. — Como é que isso pode ter acontecido? — Eu pensara que ela estaria grávida de um mês, talvez dois. Não de cinco, não a mais de metade da duração da gravidez. Jenny baloiçava junto a mim de um lado para o outro, outra vez a bater palmas levemente. Ela olhou com atenção para o Dr. Leland.

O médico olhou para a minha mãe, que fez um gesto rápido com a mão que dizia que ele devia continuar e explicar. O Dr. Leland voltou-se para mim, inclinou-se para a frente com os cotovelos pontiagudos sobre os joelhos, aproximando as mãos, juntando apenas os dedos.

— A Jenny toma o *Depo-Provera* há vários anos. Sabe o que é? Anuí com impaciência.

— A injeção contraceptiva que impede completamente de ter o período.

— Correto. É isso mesmo. Aqui, a maioria das raparigas que não fez histerectomia leva a injeção, maioritariamente pelo bem dos funcionários.

— Que bom para eles — comentei com sarcasmo.

— Bem, Miss Hunter, é certamente mais higiénico. — Ele fez uma expressão irritada. — Seja como for, há cerca de seis meses, a sua mãe mostrou-se preocupada com o peso que a Jenny tinha ganho desde que começara a tomar a injeção, por isso deixámos de lha dar. E uma vez que o efeito secundário normal da *Depo* é a falta de período durante alguns meses depois da descontinuação, o estado da Jenny passou despercebido.

— Até agora — disse eu mordazmente.

— Sim, até agora. Depois de ela ter estado quatro meses sem menstruar, uma das enfermeiras apalpou-lhe a barriga e suspeitou de gravidez. Fizemos o teste ao sangue ontem.

Perguntei-me se Jenny já soubera que estava grávida ou se uma das enfermeiras lhe dissera ontem e foi isto que a incentivou a pedir-me ajuda. Olhei para a minha mãe.

— Com que frequência é que a visitas? Não notaste?

— Como? — disse ela na defensiva. — Ela tinha engordado tanto...

O Dr. Leland levantou-se e pressionou para baixo o ar à sua frente com as mãos.

— Ninguém aqui tem culpa. Ninguém reparou. Agora precisamos de descobrir o que fazer com ela.

— Ninguém tem culpa? — Eu estava enraivecida. — Então e a besta que lhe fez isto? E este instituto que o contratou? Nunca ouviram falar numa coisa chamada verificação de antecedentes?

— É claro, Miss Hunter. — O Dr. Leland falou baixinho e suavemente. — O Jacob Zimmerman tinha uns antecedentes perfeitos. Ele trabalhara em várias instituições como esta e trazia altas recomendações. Não havia nada que pudéssemos ter feito.

— Nada que pudessem ter feito? — repeti, com um tom de voz cada vez mais zangado.

— Nicole — disse a minha mãe, movendo-se para ficar ao lado de Jenny do outro lado. — Por favor.

Olhei para ela, zangada, a tentar abrandar o bater rápido do meu coração. *Nada que pudéssemos ter feito*. Ver o meu pai entrar no quarto de Jenny. Havia algo que eu podia ter feito nessa altura. Podia ter gritado. Podia ter contado. Contado a alguém, a qualquer pessoa que ouvisse. Mas, em vez disso, calei-me. Uma criança aterrorizada. Nunca mais.

Endireitei a coluna, empurrei os ombros para trás.

— Alguém é responsável por isto, Dr. Leland. Presumo que tenha contactado a polícia?

— Claro. Estão neste momento à procura do Sr. Zimmerman. — Aproximou-se para ajudar a minha mãe, que estava a sentar Jenny na cadeira que ele acabara de desocupar. O corpo pequeno dela estremeceu quando a sentaram na cadeira, incerta de onde iria aterrar. O Dr. Leland pousou com gentileza a mão sobre a cabeça da minha irmã e falou novamente. — O que nos preocupa agora é o que fazer relativamente à situação da Jenny. A sua mãe quer que ela tenha o bebé.

— O quê?! — exclamei. Deixei cair o queixo. — O aborto não é legal até às 22 semanas?

— Vinte quatro semanas aqui em Washington — corrigiu-me o Dr. Leland. Um dos nossos médicos podia realizar a operação. Hoje, até, se a sua mãe assinar a papelada. — O seu tom foi sugestivo, e ele olhou para ela com olhos castanhos e expectantes. Era óbvio que já tinham tido esta conversa.

A minha mãe entrelaçou e desentrelaçou as mãos, com o queixo junto ao peito.

— Não assino — disse ela baixinho.

— O quê?! — vociferei. — Estás maluca? Ela não pode ter este bebé, mãe.

Ela levantou a cabeça e olhou para mim em desafio.

— E porque não? Ela já o carregou até aqui. Talvez ela queira o bebê, já pensaste nisso? — Manteve a cabeça levantada com o seu pescoço elegante, embora a pele pálida no peito estivesse corada, como sempre acontecia, com o stress do confronto.

— Isso é ridículo, sabes bem.

O Dr. Leland caminhou até à porta.

— Vou deixar-vos sozinhas para discutirem isto. Peçam à enfermeira para me chamar se chegarem a uma conclusão.

— Obrigada, Dr. Leland — disse a minha mãe, ajoelhando-se ao lado de Jenny. A minha irmã estivera a observar a nossa conversa com uma atenção elevada, da mesma maneira com que costumava ver os nossos pais a discutir: de olhos arregalados, sem pestanejar, a absorver as palavras que eles trocavam como um homem a engolir água no fim de uma viagem pelo deserto. A minha mãe pousou a mão levemente sobre a barriga de Jenny. — Está tudo bem — disse ela, e não consegui perceber quem é que ela estava a tranquilizar, o bebê ou a sua própria filha.

Deixei-me cair na cama ao lado delas, reclinada com as mãos atrás da nuca. A colcha de remendos sob o meu corpo era macia e reconfortante ao toque. A minha mãe deve tê-la trazido de casa. Rapidamente inspecionei o quarto e reparei em vários outros pormenores pessoais: uma pilha pequena de peluches, duas pinturas coloridas de Monet e uma coleção substancial de vídeos da *Rua Sésamo*. Pelo menos Jenny estava rodeada das suas coisas favoritas. Redirecionei a minha atenção para a nossa mãe.

— O que é que vais fazer, mãe, criar o bebê tu mesma?

— Não — disse ela, com a voz trémula, e depois olhou para mim com uma expressão triste. — Eu não sei o que vou fazer. Mas isto não está certo. Este bebê está vivo. Não posso ser responsável por matá-lo.

— Não serias.

— Seria, sim. Sou a tutora da Jenny, por isso é uma decisão minha se este bebê vive ou morre. Se morrer, fui eu a causadora.

— Abanou a cabeça. — Não o farei. — Levantou-se, enfatizando as palavras.

Atirei as mãos ao ar.

— Então por que raio me querias aqui, se já te decidiste?

Os seus olhos ficaram marejados de lágrimas, olhando para Jenny e depois para mim outra vez.

— Ela é tua irmã, Nicole. Pensei que ela pudesse precisar de ti.

Jenny soltou um guinchinho feliz, sorrindo de novo para mim. Eu suspirei, apercebendo-me de que nunca convenceria a minha mãe a mudar de ideias tão depressa. Mas depois a semente de uma ideia começou a brotar na minha cabeça: uma solução, uma redenção. Algo que eu poderia finalmente fazer para compensar o que não fizera todos aqueles anos antes.

— Pronto — disse eu. — Está bem. Mas depois tiramo-la daqui.

As sobrancelhas finas e escuras da minha mãe ergueram-se na forma de tendinhas na direção da linha do cabelo.

— E levamo-la para onde?

— Para casa, mãe. Quero levá-la para casa.

Após um longo dia de discussão improdutiva no Wellman, consenti em deixar Jenny no instituto mais uma noite. Murmurando ao ouvido da minha irmã antes de eu e a minha mãe irmos embora, prometi-lhe que faria todos os possíveis para voltar no dia seguinte e levá-la comigo.

Ao sentarmo-nos para comer na mesa pequena e redonda da cozinha, continuei a discutir com a minha mãe.

— Tu nunca tomaste conta de uma pessoa assim — disse ela.

— Não sabes quanto isso exige de ti.

Pousei o garfo ao lado da minha tigela, o seu conteúdo frio e intocado. Tinha o estômago a revirar com emoção; a ideia de enchê-lo com esparguete empapado era o suficiente para me causar vômitos.

— Eu vi-te perder toda a alegria que tinhas em ti — disse-lhe.

Ela fechou os olhos e ergueu o queixo ao ouvir este comentário, como se alguém a tivesse atingido com um forte gancho de direita. Baixou o maxilar e olhou para mim com os olhos marejados de lágrimas.

— Quando é que te tornaste tão cruel?

Senti o peito apertar com sentimento de culpa. Era estranho como conseguia estar tão zangada com ela e ainda assim sentir tantos remorsos quando a magoava.

— Desculpa — disse eu, empurrando a tigela para o centro da mesa. — É que... acho que não compreendo por que é que queres que ela tenha este bebé, mãe. Parece que queres que a Jenny passe por uma experiência horrível...

— Ela já passou por uma experiência horrível! — vociferou a minha mãe, interrompendo-me, batendo com o garfo no prato. O barulho fez-me saltar, surpreendida com a sua contundência.

— Fazer um aborto não é tão simples como parece — continuou ela num tom de voz mais calmo.

— Eu sei — disse eu. — Apenas me parece uma solução mais rápida do que deixá-la continuar com a gravidez.

A minha mãe fitou-me, com uma expressão intensa e pensativa.

— Lá porque uma solução é rápida não quer dizer que as consequências não te persigam.

O seu argumento fez sentido. Pensei na minha partida apresada há 10 anos, como as consequências da decisão de construir uma vida sem a minha família me fizeram sentir vazia, incerta em relação à minha carreira e a viver com um homem que não sabia se era o certo para mim. O sentimento de satisfação parecia eludir-me; mesmo quando pensava que estava prestes a apanhá-la, desaparecia. Preparei-me para o confronto sobre este assunto com a minha mãe.

— Eu saí de casa porque não aguentava vê-la naquele lugar — disse eu na defensiva. — E sim, as consequências perseguiram-me. Ainda me perseguem. — O meu tom subiu uma oitava.

— Eu sou positivamente *perseguida* pela culpa, está bem? — Fiz uma voz forte, exigente.

Ela pareceu espantada, e depois um pouco irritada.

— Não estava a falar de ti, Nicole, ainda que isso muito te surpreenda.

Senti-me realmente repreendida, e apercebi-me de que no pouco tempo que estivera em casa fizera mais do que uma suposição falsa relativamente às suas intenções. Mas fiquei um pouco chateada comigo mesma, ao sentir mais uma vez que tinha de arrancar da minha mãe o que ela estava a pensar.

Como ela não continuou, eu perguntei:

— Então de quem é que estavas a falar?

Colocou os cotovelos sobre a mesa e deixou a testa cair nas mãos entrelaçadas.

— De mim — disse ela. Pareceu mais um suspiro do que uma palavra.

Foi a minha vez de ficar espantada.

— Porquê de ti?

Ela não ergueu o olhar, mas antes falou para a superfície da mesa como se estivesse a confessar-se ao padre.

— O aborto que fiz. — Se ela tivesse falado mais baixo, eu não a teria ouvido de todo.

Caiu-me o queixo.

— O quê? Quando?

— Tu tinhas 6 meses de idade. Pensava que não conseguiria ter outro filho tão cedo... — Falhou-lhe a voz, mas depois respirou fundo e continuou, ainda sem me olhar. — Tu pensas que és perseguida pela culpa. — Dito isto, ela olhou para mim, pressionando os lábios numa linha severa.

Nem acreditava no que estava a ouvir.

— Então não queres que a Jenny faça o aborto porque tu te sentes culpada por o teres feito? — A sua relutância fazia agora um pouco mais de sentido, embora eu não tivesse a certeza se isso justificava sujeitar a minha irmã ao sofrimento da gravidez e do parto.

Ela abanou a cabeça.

— Não. Mas e se ela sente a mesma ligação com o bebê dela que eu sentia com o meu quando ainda estava dentro de mim?

— Engoliu em seco. — Antes de o matar.

— Tu não o mataste, mãe. — Reconheci a minha natureza melodramática nas suas palavras e tive o impulso súbito de tomar banho para lavar a semelhança.

O seu cabelo escuro abanava com insistência.

— Sim, matei. Sentia a vida daquele bebê dentro de mim tal como senti a tua vida dentro de mim, e tomei a decisão de acabar com ela. — Os seus olhos verdes estavam cheios de súplica. — Se a Jenny sente de alguma maneira a vida daquele bebê, não serei eu que o vou tirar dela.

Ficámos em silêncio durante um instante, ambas absortas nos nossos próprios pensamentos. Considerei a importância do que ela revelara.

— Está bem — disse eu. — Mas porque é que não me contaste isto no hospital?

— Mal falámos durante os últimos 10 anos — disse ela sem rodeios, com os olhos escuros de emoção refreada. — O facto de termos feito um aborto não é exatamente algo que partilhemos com um conhecido. Mesmo que seja a nossa própria filha.

Parecia que eu não era a única pessoa à mesa capaz de crueldade. O meu lábio inferior estremeceu inesperadamente com a severidade das palavras dela, e ao desviar os olhos dos seus, dei por mim a ter de pestanejar para combater uma enxurrada de lágrimas. Fitei intensamente o papel de parede amarelo com padrão de casa de pássaros que esta cozinha tinha desde que me lembrava.

Ela tinha razão, obviamente. Éramos quase estranhas. E de súbito apercebi-me do quão terrível isso era, o quanto sentira falta de a ter na minha vida. Certamente não estava preparada para partilhar o que estava a sentir, por isso decidi antes tentar pôr de lado os problemas que tínhamos uma com a outra para descobrir o que era melhor para Jenny.

— OK, então — disse eu por fim. — A Jenny vai ter o bebé. — Fiz uma pausa, virando a cabeça para olhar para ela. — Então devia vir para casa.

Ela encostou-se na cadeira. Com um suspiro, enfiou o cabelo atrás das orelhas e manteve as mãos ali como se não quisesse ouvir mais.

— Eu tenho de trabalhar, Nicole. Não posso tomar conta dela.

— Mas não serias tu a tomar conta — disse eu com teimosia, cruzando os braços ao peito. — Seria eu. — Lancei o braço num grande círculo à volta da cozinha. — Ela conhece esta casa. Ainda está equipada para ela: a casa de banho, o quarto dela, a rampa no alpendre das traseiras. Não terias de fazer nada. Eu faria tudo. — A minha voz vacilou com o peso desta promessa, sem saber se era capaz de a cumprir. Falei puramente por instinto, deixando os meus sentimentos, não o intelecto, guiar as palavras.

Ela olhou para mim, cética, com o queixo no peito.

— Não fazes ideia da responsabilidade que terias.

— Talvez não, mas tu pediste-me para vir porque a Jenny podia precisar de mim. — Ergui as mãos na direção dela, com as palmas abertas. — Por isso deixa-me ao menos *fazer* alguma coisa. — Tive dificuldade em compreender como a minha mãe conseguia ser tão determinada em deixar Jenny ter a criança e tão renitente em trazê-la para casa. Ao que parecia, eu estava a oferecer-lhe a solução perfeita.

— E o teu trabalho? — contrariou ela. — Podes dar-te ao luxo de ficar tanto tempo sem trabalhar?

— Tenho outro pasteleiro a fazer os meus turnos. Não há problema. — Era verdade, e um pouco triste pensar que eu era tão facilmente substituível. De repente senti-me insignificante.

Ela suspirou.

— Ainda nem acredito que desististe da tua profissão. A tua avó não te deixou um fundo para a tua educação para que tu o desperdiçasses.

Senti-me obrigada a defender-me.

— Não estou a desperdiçar nada. Estou a experimentar uma profissão diferente. — Não mencionei que tinha sido extremamente poupada com o meu fundo de estudos; ainda estava a viver do que sobrara. Era a poupança que me permitira voltar a casa. Levantei-me da mesa, com os dedos estendidos na superfície. — Estás a mudar de assunto. Temos de tomar uma decisão. Eu quero trazer a Jenny para casa.

Ela ainda parecia hesitante, por isso tentei outra abordagem.

— Faz-me um favor, está bem? Pensa nisso. Não decidas hoje. Pondera e depois vêes o que pensas amanhã de manhã.

— Está bem — concordou ela. Tinha os olhos cansados. Levantou-se também, e ambas nos retirámos para os nossos quartos, à espera em silêncio pela chegada do dia seguinte.

DUAS IRMÃS UNIDAS PARA ALÉM DO ESPAÇO E DAS PALAVRAS. UMA HISTÓRIA SOBRE AS SEGUNDAS OPORTUNIDADES E OS CAMINHOS MISTERIOSOS PARA A FELICIDADE.

Há dez anos, Nicole Hunter tomou a difícil decisão de abandonar o seu lar problemático em Seattle. Deixou para trás a sua querida irmã Jenny, possuidora de um distúrbio neurológico que a colocara dependente de uma cadeira de rodas e lhe retirara a capacidade da fala. Após uma década em São Francisco, Nicole tenta convencer-se de que tudo está bem, mas nem a sua vida sentimental nem a profissional são as que ambicionava.

Quando um violento e trágico acontecimento envolve a sua irmã, Nicole é forçada a regressar à casa de infância onde deixou memórias impossíveis de resolver e perdoar. Ali acabará por tomar a decisão mais acertada da sua vida: cuidar da irmã e resolver os conflitos com a mãe e as memórias dolorosas deixadas pelo pai. Só assim conseguirá redimir-se da culpa que a acompanha e tornar-se a irmã que gostaria de ter sido.

Uma história tocante, autêntica e libertadora, sobre as escolhas que é necessário fazer na vida, sobre o poder da amizade e sobre a importância dos laços familiares.

«*A Linguagem das Irmãs* descreve habilmente a experiência de viver e tratar de uma pessoa com necessidades especiais.»

Publishers Weekly

«Amy Hatvany escreve com profundidade e compaixão.»

Luanne Rice,
autora bestseller internacional



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt



TOPSELLER
livros que se devoram

20120 editora

ISBN 978-989-8800-26-8



9 789898 800268

Ficção Romântica